

Parte II - Subordinação no sintagma

8 - A oração completiva nominal

Edson Rosa Francisco de Souza

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SOUZA, ERF. A oração completiva nominal. In: PEZATTI, EG., orgs. *Construções subordinadas na lusofonia: uma abordagem discursivo-funcional* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2016, pp. 216-248. ISBN 978-85-6833-480-5. Available from: doi: [10.7476/9788568334805](https://doi.org/10.7476/9788568334805). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/zpbsx/epub/pezatti-9788568334805.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

PARTE II

SUBORDINAÇÃO NO SINTAGMA

8

A ORAÇÃO COMPLETIVA NOMINAL

*Edson Rosa Francisco de Souza**

Palavras iniciais

Neste capítulo serão analisadas, com base na perspectiva teórica da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008), que faz distinção entre níveis e camadas de complexidade linguística, as orações subordinadas substantivas completivas nominais, que atuam como complementos de um nome. Trata-se, segundo essa gramática, de um tipo de subordinação em que um sintagma da oração principal toma uma oração como argumento. Para essa análise, investigaremos as propriedades pragmáticas, semânticas e morfossintáticas dos predicados nominais¹ e de seus complementos oracionais na lusofonia, no que diz respeito aos tipos de estruturas oracionais que podem figurar como complementos de

* Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto (edson@ibilce.unesp.br)

1 O predicado nominal é aqui entendido como aquele constituído por um lexema da classe de nome ou adjetivo. No nível morfossintático, requer a inserção de uma cópula. Trata-se, portanto, de um conceito diferente do conceito dado pela tradição gramatical, que inclui a cópula e o núcleo nominal, denominado predicativo do sujeito, como “está triste” na oração: “Maria está triste”.

nomes, à expressão da preposição no processo de complementação, à presença de pronomes relativos sem antecedentes como parte do complemento de nomes.

As orações em *itálico*, em (1) e (2), constituem argumentos de um sintagma.

- (1) -> [...] nós podemos aceitar mais tarde, mas naquela altura é difícil as pessoas aceitarem. quer dizer, toda a gente saiu de casa para o estádio, tinha na cabeça que Moçambique ia ganhar.
- então dá a **impressão** *de que esse é o pensamento moçambicano*.
(Moçambique 97: Sentimento e desporto)
- (2) ela tinha aquela **impressão** *de ganhar*, hum, impressão não! ela fez todo o esforço para ganhar, eu acho que ela até teria conseguido a medalha de prata! (Moçambique 97: Sentimento e desporto)

Nesses excertos, há duas estruturas oracionais que completam o sentido do nome “*impressão*” da oração principal, razão pela qual as orações dependentes “*de que esse é o pensamento moçambicano*” e “*de ganhar*” são tradicionalmente chamadas de orações completivas nominais. As sentenças (1) e (2) apresentam, respectivamente, as correlações modo-temporais presente do indicativo/presente do indicativo e presente do indicativo/infinitivo na oração principal e na oração subordinada. A diferença é que, no exemplo (1), o complemento oracional ocorre na forma finita e, em (2), na forma não finita. Entretanto, em ambos os casos, o predicado nominal “*impressão*” é de natureza epistêmica, uma vez que indica grau de certeza do falante com relação ao conteúdo da proposição.

Em linhas gerais, as orações completivas nominais são conhecidas por não apresentarem nenhum tipo de acidente prosódico entre o predicado nominal e seu argumento, tais como hesitação, pausa, mudança de tessitura, pelo fato de que isso acarretaria um afrouxamento do grau de dependência semântica e morfossintática entre a oração principal e a subordinada, característica que as diferencia das orações adverbiais e relativas, em que, geralmente, esses aspectos fonológicos são mais comuns.

A primeira hipótese defendida aqui é a de que a natureza semântica do predicado nominal determina o tipo de unidade interpessoal ou representacional que será tomado como complemento (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p.362), tendo em vista que, diferentemente dos predicados verbais e outros tipos de predicados básicos, que expressam uma propriedade (por exercerem uma função relacional), os predicados nominais podem designar diferentes tipos de categorias pragmáticas e semânticas, como: conclusão (movimento), informado (conteúdo comunicado), ideia (conteúdo proposicional), história (episódio), vontade (estado de coisas), maneira (propriedade).

Considerando o fato de que os predicados nominais comportam-se de forma distinta dos predicados verbais, conforme já ressaltado, a nossa segunda hipótese é a de que existe uma relação de hierarquia no que se refere ao processo de complementação, no sentido de que um predicado nominal que expressa determinada categoria (interpessoal ou representacional) tomará como seu complemento uma estrutura representada por uma camada mais baixa ou de igual valor.

Com base ainda na primeira hipótese, argumentamos também que são as propriedades semânticas do predicado nominal que determinam a forma das estruturas de seus complementos, de maneira que a opção por uma construção finita ou não finita está diretamente relacionada à configuração semântica do predicado nominal, determinação que também é observada em outros tipos de orações completivas, como bem apontam Noonan (1985) e Hengeveld e Mackenzie (2008).

A noção de subordinação na tradição gramatical e na Gramática Discursivo-Funcional

A partir das noções de parataxe e hipotaxe da gramática greco-latina, a tradição gramatical distingue, segundo Neves (2000), dois tipos de organização de períodos compostos: a coordenação

e a subordinação. Com base em critérios sintáticos ou formais, os gramáticos destacam que a coordenação envolve uma relação de independência, em que as orações constituintes têm um mesmo estatuto linguístico, sendo, portanto, autônomas, ao passo que a subordinação envolve uma relação de dependência, em que as orações são de estatuto diferente: uma delas se insere na outra e funciona como parte dela.

Em outras palavras, na tradição gramatical, as orações subordinadas são classificadas como unidades ou orações dependentes (Bechara, 2009; Rocha Lima, 1985; Cunha, Cintra, 2000) em relação à oração principal. No entanto, a noção de dependência é quase sempre divergente entre os autores, uma vez que ora é tratada como dependência sintática (formal), ora como dependência semântica (de incompletude significativa).

A esse respeito, Bechara (2009), assim como a maioria dos gramáticos tradicionais, classifica a oração subordinada como aquela que exerce uma função sintática no interior da oração principal. Entretanto, o autor afirma que as conjunções do tipo “quer...quer” e “ou...ou” são mais bem classificadas como orações alternativas ou concessivas (p.496), o que já aponta para uma classificação baseada também na semântica das construções coordenadas/subordinadas. De acordo com o autor, o estudo dos processos de subordinação ainda apresenta muitas lacunas e, por isso, não deve se restringir à investigação puramente sintática.

No âmbito da perspectiva funcionalista, em especial no modelo da Gramática Discursivo-Funcional (GDF) de Hengeveld e Mackenzie (2008), a subordinação constitui um processo em que “orações podem ocorrer como constituintes de outras orações, como orações advérbio, complemento ou predicado” (p.352).

De acordo com essa definição, a complementação constitui um caso típico de subordinação que é, em geral, definida na abordagem funcionalista como um processo sintático em que uma oração é tomada como argumento de um predicado (Givón, 1980; Noonan, 1985; Dik, 1997; Hengeveld, Mackenzie, 2008, entre outros autores). Diferentemente dos demais tipos de orações completivas, que

atuam como argumento de um predicado verbal da oração principal, as orações completivas nominais atuam como argumento de um predicado nominal da oração principal. Assim, com relação às completivas nominais, a relação de complementação não é estabelecida entre duas orações, mas sim entre uma oração complemento e um sintagma da oração principal.

Apesar das diferenças, tanto a tradição gramatical quanto a tradição linguística, aqui representada pela abordagem funcionalista, consideram a influência de aspectos morfosintáticos no processo de complementação verbal/nominal. O que muda entre as duas abordagens é que muitos dos estudos de orientação funcionalista também são unânimes no reconhecimento da atuação de aspectos semânticos e pragmáticos na determinação dos tipos de predicados e das formas que seus complementos podem tomar, em especial os que tratam da influência da natureza semântica do predicado na indicação do grau de integração entre as orações principal e subordinada (Givón, 1980) e na seleção dos complementos (Hengeveld; Mackenzie, 2008).

Hengeveld e Mackenzie (2008) e Gasparini-Bastos et al. (2007) assinalam que os predicados verbais,² que designam sempre uma propriedade, podem tomar como complemento unidades interpersonais e representacionais que pertencem a uma camada mais alta ou de igual valor (quando se trata de construções identificacionais). É o que se observa no esquema a seguir, adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p.363).

Camadas interpersonais nas orações subordinadas

(Movimento: (Ato discursivo: [(Conteúdo comunicado: [(Subato de referência) (Subato de descrição))]))

(Ato discursivo: [(Conteúdo comunicado: [(Subato de referência) (Subato de descrição))]))

(Conteúdo comunicado: [(Subato de referência) (Subato de descrição)])

2 Sobre os tipos de predicados verbais, ver o Capítulo 2.

Camadas representacionais nas orações subordinadas

(Conteúdo proposicional: (Episódio: (Estado de coisas: (Propriedade: [(Propriedade) (Indivíduo)]))))

(Episódio: (Estado de coisas: (Propriedade: [(Propriedade) (Indivíduo)])))

(Estado de coisas: (Propriedade: [(Propriedade) (Indivíduo)]))
(Propriedade: [(Propriedade) (Indivíduo)])

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p.363), a camada mais alta contém todas as camadas mais baixas. Isso significa, segundo os autores, que as orações subordinadas podem ser classificadas em termos da camada mais alta que essas construções designam, seja do nível interpessoal, seja do nível representacional, estabelecendo uma relação hierárquica quanto ao modo de estruturação dessas orações. Além disso, considerando o fato de que cada camada traz consigo o seu próprio conjunto de operadores e modificadores, pode-se prever, conforme os autores, que os operadores e modificadores pertencentes à camada mais alta (expressa em uma oração subordinada) tendem a escopar aqueles operadores e modificadores que ocorrem em uma oração subordinada que designa uma camada interpessoal ou representacional mais baixa, sendo o percurso inverso não permitido. Em outros termos, um modificador de movimento expresso na oração subordinada, como “em resumo”, pode escopar um modificador de ato discursivo, como “primeiramente”, porém este modificador não pode escopar o modificador de movimento “em resumo”, pelo fato de violar a estrutura hierárquica que se observa no processo de articulação das orações, isto é, o modo como a oração subordinada se relaciona com o predicado matriz.

Como nosso objetivo principal é analisar os tipos de predicados nominais e os seus complementos, em termos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos, não examinaremos aqui a atuação desses operadores e modificadores na estruturação das completivas nominais, por entendermos que isso fugiria aos nossos propósitos.

Os exemplos³ a seguir mostram como se dá o processo de complementação de alguns nomes no português e como a caracterização semântica do predicado nominal determina a escolha do tipo de complemento, de acordo com a GDF.

Movimento como complemento

- (3) Tampouco seria inteligente identificar a ação da mão alheia a meros atos reflexos, porque era coisa de uma vontade alheia, mas ainda de alguma vontade, contrária à consciência. O problema é que sempre era decorrente de uma vontade elaborada em níveis de elaboração infra-liguação. Isso pode conduzir à **conclusão** *de que consciência é, em resumo, linguagem, e que vontade e consciência não são planos superpostos idênticos*. (www.apocaoedepanoramix.com)

Ato discursivo como complemento

- (4) Opomo-nos à distinção de drogas leves e duras, bem como à **asserção** *de que as chamadas drogas leves não geram dependência*. (www.linguee.com/portuguese)

Conteúdo comunicado como complemento

- (5) No capítulo que irá ao ar no dia 21 de novembro, por exemplo, o antagonista vai brigar com o gerente de um flat onde tentará se hospedar. Ao ser **comunicado** *de que seus cartões estão bloqueados*, Félix vai arrancar a peruca do homem e dançará funk em cima dela. (<http://br.tv.yahoo.com/blogs/folhetim>)

Conteúdo proposicional como complemento

- (6) Não é novidade alguma a importância de ouvir mais do que falar. Uma pena que muitos não aprenderam isso ainda. Tenho a **impressão** *de que aquele que fala alto não lê*, porque não sabe ouvir o que um autor está dizendo na sua escrita – sim, ler é uma atividade na qual você tem de prestar atenção no que o outro está dizendo. E muitos outros não conseguem prestar atenção em um filme, em uma peça de teatro. Esse fato é bastante visível nos concertos, por exemplo. (<http://www.revistadacultura.com.br/>)

3 Os exemplos foram extraídos da internet, porque não há no *cópus* ocorrências que ilustrem todos os tipos de predicados nominais e complementos (em termos de unidades pragmáticas e semânticas).

Episódio como complemento

- (7) Não se pode afirmar com certeza que a **história** *de que Newton estava sentado embaixo de uma macieira e uma maçã caiu em sua cabeça seja verdadeira*, mas o suposto ocorrido hipoteticamente fez com que o cientista ficasse ciente da existência da força da gravidade. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ma%C3%A7%C3%A3>)

Estado de coisas como complemento

- (8) Não tenho **vontade** *de comer chocolate e doces*. A não ser que seja uma sobremesa com morangos, aí não recuso. (vidamaterna.com)

Propriedade como complemento

- (9) Obrigado por me fazer abrir os olhos e ter **ânsia** *por vencer na vida!!!* (<https://pt-br.facebook.com/permalink>)

Nesses exemplos, os nomes em negrito introduzem, segundo a GDF, diferentes tipos de complementos no português, que, por sua vez, designam diferentes categorias pragmáticas e semânticas propostas pelo modelo teórico. Semelhantemente ao que propõem Gasparini-Bastos et al. (2007) em um estudo sobre os predicados verbais, e também Hengeveld e Mackenzie (2008) e Souza (2014), os exemplos de (3) a (9) apresentam dois extremos: de um lado, nomes como “conclusão” que tomam movimentos como argumento, e, por outro, nomes como “ânsia” que tomam propriedades como argumento, como se vê em (9). Em termos de complementação, em (3) tem-se um predicado nominal (“conclusão”) que expressa um movimento e toma como complemento uma estrutura que expressa outro movimento. Já em (9), o predicado nominal (“ânsia”) constitui uma propriedade e toma como complemento uma estrutura que designa outra propriedade. Nesses dois casos, os predicados nominais só tomam como complemento estruturas que expressam categorias pertencentes à mesma camada.

Em suma, apesar de a GDF também definir a subordinação em termos morfossintáticos, Hengeveld e Mackenzie consideram também a influência de aspectos pragmáticos e semânticos na caracterização dos seus padrões de expressão.

O tratamento das orações completivas nominais

Nos compêndios gramaticais (Cunha, Cintra, 2000; Bechara, 2009; Rocha Lima, 1985; Azeredo, 2012), a oração completiva nominal em geral é definida pelos gramáticos como a oração que exerce a função sintática de complemento nominal de nome, adjetivo e, eventualmente, de advérbio da oração principal (Souza, 2014), conforme ilustram os exemplos (10), (11) e (12), respectivamente.

(10) Temos **certeza**_{nome} [*de que eles voltarão logo*]_{oração completiva nominal}
(Azeredo, 2012, p.314)

(11) Estou **desconfiado**_{adjetivo} [*de que os ingressos terminaram*]_{oração completiva nominal}
(Ibidem)

(12) FHC manifestou-se **favoravelmente**_{advérbio} [*a que o poder de fiscalização do Congresso fosse exercido “em toda a sua plenitude”*]_{oração completiva nominal}
(<http://www.cartamaior.com.br>)*

* Extraímos a ocorrência da internet porque não encontramos nenhum exemplo nas gramáticas tradicionais consultadas (Cunha, Cintra, 2000; Bechara, 2009; Rocha Lima, 1985; Azeredo, 2012). Os autores fazem menção apenas a alguns advérbios (favoravelmente, relativamente, referentemente etc.) que requerem complemento oracional, porém, não citam nenhum exemplo.

Diferentemente desses autores, que consideram o advérbio como um predicado, Luft (2001, p.82), por exemplo, considera que as completivas nominais funcionam como complementos apenas de substantivo ou de adjetivo transitivo, como orações desenvolvidas e reduzidas de infinitivo, pelo fato de que apenas os advérbios terminados em “-mente”, derivados de adjetivos transitivos, como “(des)favoravelmente” (> favorável), podem tomar orações como complemento, tal como se observa em (12).

As construções em itálico, em (13a)-(13c), representam casos de completivas nominais encaixadas em diferentes tipos de predicados nominais por meio do relator “que” e das preposições “de” e “a” e,

em (13d), representam completivas com a preposição não expressa. Os exemplos (14a)-(14d), por sua vez, constituem casos de completivas nominais expressas morfossintaticamente na forma reduzida de infinitivo. Já os exemplos (15a)-(15b) ilustram casos de completivas nominais que ocorrem com pronomes relativos sem antecedentes.

- (13) a Tenho **esperança** *de que nosso time vença*.
 b Sou **favorável** *a que o despacho*.
 c Maria não tinha **dúvida** *de que João se casaria com ela*.
 d Tenho **esperança** *que meus colegas concordem*.
- (14) a Tinha **certeza** *de ser aprovado*.
 b Estava **ansioso** *de (por) voltar*.
 c Pediu **informações** *sobre como fazer*.
 d Na **dúvida** *de como responder*, ficou calado.
- (15) a Tinha **remorso** *de quanto fizera*.
 b Sê **agradecido** *a quem te acolhe*.

Pode-se notar, nos exemplos, que as construções que operam como complementos de um nome da oração principal ora aparecem na forma finita, ora na forma não finita (com o verbo no infinitivo), inseridas ou não por meio de preposição. A esse respeito, Bechara (1985) e Mesquita (1996) assinalam que o emprego da preposição no processo de complementação nominal nem sempre é obrigatório. Segundo Bechara, há casos em que a preposição não é expressa, como em (16), e outros em que é essencial, como em (17).

- (16) Maria está **certa** *que vai passar no concurso*.
- (17) Mas nem um momento duvidamos de que a sua convicção íntima seja a **necessidade** *de restituir o antigo lustre e preço à filosofia do Evangelho*. (Bechara, 1985, p.192)

O uso da preposição “de”, em (16), para encaixar o argumento ao predicado adjetival “certa” não é obrigatório, e sim facultativo. A não expressão da preposição em casos de complementos expres-

tos na forma finita está, a nosso ver, relacionada à função argumental da preposição, que parece se sobrepor à função também argumental desempenhada pela conjunção “que”. É por esse motivo que o emprego da preposição se torna facultativo na operação de inserção de complementos finitos. É diferente do que ocorre em (17), em que a preposição “de” é o único dispositivo linguístico que estabelece a relação argumental entre o predicado “necessidade” e o seu complemento oracional (Souza, 2014).

Para Mesquita (1996, p.441), o mesmo fenômeno de omissão da preposição se observa nas orações completivas objetivas indiretas, como se verifica no exemplo (18).

(18) Desconfio (*de*) *que ele não virá.*

Mesmo constituindo um aspecto importante para a análise do comportamento funcional das completivas nominais, o fenômeno da (não) expressão da preposição em orações completivas nominais finitas é tratado apenas como uma exceção nas gramáticas tradicionais. No entanto, tal variação parece motivada funcionalmente.

Ao tratar das formas de orações completivas no português, Neves (2000, p.336) observa que há dois tipos de completivas nominais: aquelas que completam o sentido de um substantivo, como em (19a)-(19b), e aquelas que completam o sentido de um adjetivo, em (20a)-(20b).

- (19) a Eu tenho a **impressão** *de que o que está desagradando você é a ideia de integrar o índio nas populações do interior, não é?*
 b O capitão Custódio lhe tinha entregue a engenhoca na **certeza** *de confiar em homem de muita cabeça.*
- (20) a Todo mundo neste país está **interessado** *em que se melhorem as condições de existência, que se aumentem os salários, que se assegure a cada um maior participação no produto nacional bruto.*
 b Julgo que não sou **capaz** *de repetir, palavra por palavra, o diálogo que mantivemos.*

A autora não faz nenhuma avaliação detalhada sobre o estatuto semântico dos predicados nominais e adjetivais no português e de sua influência na escolha dos tipos de complementos oracionais, tampouco analisa o papel da preposição no processo de complementação. Neves (2000, p.885), porém, faz uma observação importante sobre as completivas nominais, em especial aquelas que se confundem com as orações adverbiais de finalidade ou propósito.⁴ Para a autora, assim como as orações adverbiais de propósito, as completivas nominais também podem se ligar a um predicado nominal da oração principal por meio da preposição “para” ou da locução conjuncional “para que” (mais infinitivo), como em (21a)-(21b).

- (21) a É uma **oportunidade** *para que ela possa libertar-se dos seus problemas e sentimentos negativos.*
 b Terra em que o gênio de Assis Chateaubriand requintado no seu dom encontra **clima** *para criar o Museu de Arte Moderna.*

A diferença entre essas construções é que as orações de propósito inseridas pela preposição “para” e pela locução conjuncional “para que” constituem um modificador circunstancial da oração principal, enquanto as completivas nominais são argumentos.

Hengeveld e Mackenzie (2008, p.383) tecem apenas alguns comentários sobre as orações completivas nominais. Os exemplos e as discussões são, em geral, sobre as completivas verbais, no entanto, os autores analisam alguns casos de complemento nominal cuja interpretação se aplica de forma equivalente às completivas nominais.

- (22) the **brother** *of the king*
 o irmão do rei
 $(x_i: [(f_i: [(f_j: \text{brother } (f_j)) (x_j: [(f_k: \text{king } (f_k)) (x_{j,U})]_{\text{Ref}}] (f_i)) (x_{i,U})])$
- (23) **before** *the meeting*
 depois da reunião
 $(t_i: [(f_i: [(f_j: \text{before } (f_j)) (e_i: [(f_k: \text{meeting } (f_k)) (e_{i,\text{Ref}}] (f_{i,U})]) (t_{i,U})])$

4 Ver o Capítulo 4.

- (24) the **idea** *that the world is round*
 a ideia de que o mundo é redondo
 (p_i: [(f_i: [(f_j: idea (f_j)) (p_j: [-the world is round-] (p_j)_U]) (f_i)) (p_i)_U])

Como se pode observar, em (24), o predicado nominal *idea* constitui, em termos semânticos, um conteúdo proposicional (p), que toma como complemento a oração “that the world is round”, que designa outro conteúdo proposicional. Nesse caso, diferentemente de (25), em que a oração relativa “which he made yesterday” atua como modificador de um termo da oração principal, em (24), a relação entre o predicado *idea* e a oração em itálico é de núcleo-dependente, pois a oração é argumento desse predicado.

- (25) the **assertion**, *which he made yesterday*.
 a afirmação que ele fez ontem.

Há casos em que a relação de modificação, em (25), é mais bem entendida como uma relação de dependência de um predicado da oração principal, como nos exemplos (26a)-(26b).

- (26) a então, acho que desde o **momento que** *ela fez isso*, não tomou assim nem uma, assim, não teve consideração nenhuma comigo (Brasil 80: Gosto dela)
 b de repente **a hora que** *a gente estava na pizzaria*, eu não me, eu não me lembro (Brasil 93: Festa de estudante)

Nesses exemplos, as orações em itálico constituem complementos dos predicados nominais “momento” e “hora”, distanciando-se, dessa forma, do seu estatuto como orações relativas com função modificadora. Isso se deve, segundo Camacho (Capítulo 9, neste volume), a um processo de gramaticalização que leva à interpretação dos nomes “momento” e “hora” como propriedades lexicais (Hengeveld; Mackenzie, 2008; Souza, 2014) e da oração subordinada que os segue em (26a) e (26b), respectivamente, como um argumento desses nomes, tanto que é possível atribuir um argumento,

conforme Camacho, a “momento” e a “hora”, como: “momento de calma”, “hora de brincar”, o que as identifica como propriedades configuracionais. Nesse caso, devido à gramaticalização, o pronome relativo “que” passa a funcionar como complementizador, diferenciando-se de estruturas como (27a)-(27b), em que esse tipo de nome é modificado por uma oração relativa, que estabelece uma relação anafórica entre o predicado e o pronome relativo “que”. Essa leitura é propiciada pela preposição “em”, que expressa a função locativa.

- (27) a então, acho que desde o **momento** em que *ela fez isso*, não tomou assim nem uma, assim, não teve consideração nenhuma comigo. (Brasil 80: Gosto dela)
- b de repente a **hora** em que *a gente estava na pizzaria*, eu não me, eu não me lembro (Brasil 93: Festa de estudante)

As estruturas em itálico em (27a)-(27b) são orações relativas que modificam o núcleo nominal da oração principal, nas quais se observam um pronome com antecedente. Essa e outras questões semânticas e morfossintáticas serão tratadas na próxima seção.

A caracterização das orações completivas nominais na lusofonia

Apresentamos, nesta seção, a análise das orações completivas nominais nas variedades lusófonas, com vistas à sua caracterização funcional. Na análise dos 78 inquéritos que compõem o corpus do estudo exposto neste capítulo, conforme explicitado na apresentação deste livro, foram encontradas 129 ocorrências de orações completivas nominais.

Em termos gerais, a análise dos dados mostra que, nas variedades lusófonas, as orações completivas nominais não permitem a inserção de nenhum material interveniente (como marcador discursivo, pausa, hesitação etc.) entre seu predicado e a oração dependente.

Isso revela o alto grau de dependência e rigidez sintática que se estabelece entre o predicado nominal e o seu complemento oracional. Verifica-se, ainda, que não há atribuição de funções retóricas (como orientação, concessão, esclarecimento etc.), pertencentes ao nível interpessoal, às orações completivas nominais, no entanto, há casos em que essas completivas designam um conteúdo comunicado, que constitui uma categoria pragmática.

Aspectos semânticos das orações completivas nominais

Um aspecto semântico que parece ser revelador da relação de dependência entre a completiva nominal e a oração principal é a natureza dos participantes, que podem ser idênticos ou diferentes. No geral, as completivas nominais apresentam uma distribuição desigual no que se refere à correferência dos participantes das orações envolvidas, que, na maior parte dos casos, são expressos lexicalmente (Souza, 2014). Verificamos que, na maioria dos dados, não existe identidade entre o sujeito da oração principal e o da encaixada, não havendo, portanto, correferencialidade entre os participantes, como em (28).

- (28) -> eh, não sei. isso há muitos factores. olhe, o, tenho a **impressão** que o primeiro é o factor económico, também (Portugal 96: Bruxedos)

Nessa ocorrência, o participante da oração principal é diferente do participante da oração complemento (“eu” e “o primeiro”, respectivamente), o que aponta para uma não relação de identidade de sujeitos, ao passo que, em (29), a correferencialidade se dá pela não expressão dos sujeitos.

- (29) a causa dos aborto clandestino, eu acho que... é, deriva dos pais, porque às vezes uma pessoa fica grávida dentro a casa dos pais e Ø tem o **medo** de Ø ficar com aquela gravidez... (Brasil 87: Economia e sociedade)

A oração principal e a oração dependente, em (29), apresentam o mesmo sujeito participante, que não é expresso morfossintaticamente. A identidade dos participantes das orações principal e dependente foi verificada em 68% das ocorrências. Esses dados parecem indicar a existência de uma correlação relevante entre a relação de identidade dos participantes das orações e o tipo morfosintático dos complementos, de forma que os casos de identidade entre os sujeitos das orações sugerem uma preferência por verbo não finito na oração subordinada, ao passo que os casos de não identidade tendem para a escolha da forma finita.

A análise dos casos de orações completivas nominais também mostra que há uma estrita correlação entre a natureza semântica do predicado da oração principal e a factualidade da oração dependente. Verificamos que as completivas nominais comportam-se como factuais em 65% (85/129) dos dados analisados, ficando os casos de completivas nominais não factuais com 35% (44/129). Em predicados proposicionais, por exemplo, as completivas nominais comportam-se como factuais em 100% (35/35) dos dados, como em (30a)-(30b)-(30c).

- (30) a ir ao Hospital de Santa Maria, fizeram-me uma carrada de exames, viram realmente que era o sistema nervoso, disseram-me logo “o senhor é um indivíduo nervoso, eh, não lhe acha[...], não lhe encontramos absolutamente mais nada” – fiz desde o coração à cabeça, até ressonância magnética fiz. e então chegaram à **conclusão** que [o problema] era do sistema nervoso. eu andava a tomar três valium cinco por dia, o médico disse-me logo se eu andava a ser tratado por um veterinário cá da zona. (Portugal 97: Mal desconhecido)
- b eu... sou da **opinião** de que *devemos reflectir* e é o momento para se reflectir de facto um pouco sobre a situação da mulher (São Tomé e Príncipe 96: Costureira)
- c agora, acho que hão-de surgir mais. só que, por exemplo, no atletismo, parece que é a única, a, a, a [...], como? a Argentina já não se faz falar muito, não se fala tanto dela. então até dá a **impressão** de que *basta a Lurdes envelhecer*, já o, o atletismo, eh, vai a, é, atletas n[...], não há, não, não vai-se falar mais de atletas moçambicanos. (Moçambique 97: Sentimento e desporto)

- (31) - e tudo isso em nome de, de se prepararem para vencer na vida, não é
 -> é verdade. vencer na vida, ao fim e ao cabo é para, só para, para ter **possibilidades** *de um dia vir a ganhar dinheiro*, empata-se toda uma adolescência, toda uma ju[...], uma juventude, para se começar a trabalhar já tarde, não é, porque é (Portugal 95: Vida de estudante)

Em (30a), a oração completiva “[o problema] era do sistema nervoso” é definida aqui como factual, porque o conteúdo proposicional por ela expresso é considerado verdadeiro, isto é, pelo fato de implicar a pressuposição, por parte do falante, de que a proposição expressa por essa oração é verdadeira (Pérez Quintero, 2002).⁵ Isso também é observado em (30b), em que a oração “de que devemos reflectir”, argumento do predicado nominal “opinião”, representa um conteúdo proposicional verdadeiro, e em (30c), em que o predicado “impressão” encaixa uma oração completiva factual que representa um conteúdo proposicional verdadeiro, haja vista que o falante pressupõe que a proposição expressa na oração completiva nominal é verdadeira. Isso acontece porque o uso do modo indicativo evidencia que o falante acredita que o que diz é verdadeiro, isto é, ele crê na verdade da proposição.

Quando se trata do tipo de categoria pragmática e semântica expresso pelo predicado nominal, observamos a seguinte distribuição: 54% (69/129) dos dados constituem estado de coisas; segue-se a categoria conteúdo proposicional, com 26% (35/129) das ocorrências, e propriedade, com 15% (20/129). Os demais tipos de predicado nominal são representados por episódio, com 3% (3/129) dos dados, e conteúdo comunicado, com 2% (2/129). Os casos de predicado nominal que representam movimento ou ato discursivo não foram encontrados no *corp*us.

5 Para Pérez Quintero (2002), uma oração é considerada factual quando implica factividade, ou seja, quando há, por parte do falante, a pressuposição de que um evento é real ou de que um conteúdo proposicional é verdadeiro. Já a oração definida como não factual implica contrafactividade, isto é, a pressuposição de que um evento não é real ou de que um conteúdo proposicional não é verdadeiro.

Os exemplos a seguir ilustram os diferentes tipos de predicados nominais.

- (32) Conteúdo comunicado (C):
 a pessoa cá do centro da Guiné-Bissau estão mais **informado** *sobre o que é que quer dizer a Sida*. (Guiné-Bissau 95: Sida)
- (33) Conteúdo proposicional (p):
 -> nesse novo, ou nessa nova lei que está-se aí em, em estudo. é o seguinte: claro, neste momento vamos por partes, porque tenho na mente que não estará aí nenhum médico, ou nenhuma médica aqui da ginecologia. porque, tenho a máxima **certeza** *de que ao conceder licença do parto, não concedem licença de parto* porque... nós temos o bebé. (Moçambique 97: Maternidade)
- (34) Episódio (ep):
 -> dizem que foi um, um lugar, uma sen[...], tinha uma senzala, tem realmente uma, uma parte subterrânea em que poderia ser uma senzala de escravos, entende, então parece que houve **histórias** *de que houve fugas de escravos* etc., etc., durante o período da, do século passado. então que os escravos ali se refugiaram, mas que descobriram e fizeram morticínio. (Brasil 80: Fazenda)
- (35) Estado de coisas (e):
 -> sim. muitas vezes é, mas, é o que eu digo, eu acho que isso se parte de um princípio, quando se, quando se toma a **decisão** *de viver em, em conjunto*, as coisas têm que tomar um rumo desde o primeiro dia, porque, se a mulher começa a tomar o rumo da casa e depois passado cinco ou, só, ou dez anos é que decide que o homem tem que trabalhar, aí... as coisas já vão um bocado mal. acho que é uma coisa que tem de partir do princípio. se não partir desde o princípio, não sei se dá muito resultado. (Portugal 96: Marido ideal)
- (36) Propriedade (f):
 mas eu penso que consigo ultrapassar esta situação porque, eh, como professor, muitas vezes nós, eh, somos **obrigado** *a falar, falar, e... falamos muito*. (Moçambique 86: Chuva)

O predicado nominal informado, em (32), representa um conteúdo comunicado, isto é, indica o que o falante informa (ou deseja informar) ao ouvinte. Na ocorrência (33), o predicado “certeza” constitui um conteúdo proposicional, uma vez que indica a crença do falante com relação ao conteúdo expresso na oração dependente. Em (34), o predicado nominal “histórias” é definido como episódio, pelo fato de implicar uma sucessão de estados de coisas dispostos numa sequência tematicamente coerente, apresentando sempre uma unidade temporal, locativa, e a conseqüente manutenção dos indivíduos envolvidos. De maneira diferente dos exemplos anteriores, em (35) o predicado nominal “decisão” representa um evento que pode ser localizado no tempo e no espaço. Já o predicado “obrigado”, em (36), constitui uma propriedade, pois não tem existência independente e só pode ser avaliado em termos de sua aplicabilidade a outra entidade, que pode ser um estado de coisas, um indivíduo etc.

Os predicados nominais podem tomar diferentes tipos de categorias pragmáticas e semânticas como complemento, com destaque para as estruturas oracionais que codificam as categorias semânticas conteúdo proposicional, estado de coisas e propriedade. As ocorrências a seguir ilustram as diferentes possibilidades de complemento de nomes.

- (37) Conteúdo comunicado (C):
a pessoa cá do centro da Guiné-Bissau estão mais **informado** sobre o que é que quer dizer a Sida. (Guiné-Bissau 95: Sida)
- (38) Conteúdo proposicional (p):
mas isso é a m[...], a curto ou médio prazo. a longo prazo, o que eu gostaria de saber é, é se tem **ideia** de que vai ser o seu futuro. se vai continuar como costureira, se vai abrir outras filiais, que, que ideias é que tem de, que perspectivas de futuro é que tem? (São Tomé e Príncipe 96: Costureira)

- (39) Episódio (ep):
 – não, que conhecimento? por falta de, de, de, de condições materiais. você acha que uma pessoa pobre tem **condições** *de invocar o órgão jurisdicional, por exemplo? pagar custas de processo? tem condições para conversar com advogado e falar “olhe isso aqui é assim, assim, assim, e eu vou te pagar tanto”*. não se tem, pô. o cara não tem condições. (Brasil 87: Economia e sociedade)
- (40) Estado de coisas (e):
 mesmo que não haja grandes quantidades de pessoas, basta apenas transferir populações de um, de uma dado, de um determinada zona ecológica, **habitua***dos a fazer uma agricultura que aprenderam ao longo de milhares de anos com a experiência do erro... cometido* (Angola 97: Guerra e ambiente)
- (41) Propriedade (f):
 -> ah! dizia eu que, que as pessoas aqui, principalmente as pessoas ligadas ao campo, têm uma mais-valia enorme, pelo menos naquilo que eu conheço e... tenho tido a **oportunidade** *de viver*, são pessoas que têm uma grande dimensão humana (Portugal 97: O trabalho e a posse da terra)

As orações em itálico, nos exemplos (37)-(41), funcionam como argumento de predicados nominais e designam diferentes categorias pragmáticas (conteúdo comunicado) e semânticas (conteúdo proposicional, episódio, estado de coisas e propriedade). Os dados mostram, conforme preveem Hengeveld e Mackenzie (2008), que existe uma relação de hierarquia entre o predicado da oração principal e a oração subordinada, uma vez que um predicado nominal que codifica um conteúdo proposicional, por exemplo, pode tomar outro conteúdo proposicional como complemento, ou orações que designam categorias semânticas de camadas mais baixas, como um estado de coisas ou uma propriedade, mas não estruturas oracionais que representam categorias pragmáticas ou semânticas de camadas mais altas. Em (37), o predicado nominal “informado”, que representa um conteúdo comunicado, encaixa uma oração que também expressa um conteúdo comunicado (o que é falado por alguém), mantendo, assim, uma hierarquia em relação ao processo de complementação.

Os exemplos a seguir mostram que os predicados nominais que designam conteúdos proposicionais, como em (42) e (43), episódio, em (44), e estado de coisas, em (45) e (46), podem tomar como complemento orações que designam categorias semânticas que pertencem a uma camada mais baixa ou de igual valor, comprovando, assim, a existência de uma relação hierárquica na complementação.

Predicados nominais que designam um conteúdo proposicional

(42) Impressão

eu acho que o nosso problema aqui é, é financeiro, não é, porque as pessoas só se fazem ouvir quando saem para fora. aqui em Moçambique nós ficamos, é muito [...], pouca gente conhece, por exemplo, eh, eh, a Marta, de, de Maxaquene, pouca gente conhece, mas a Lurdes, como está fora, todos nós passamos a conhecer a, a, a outra, a, a, a Clarisse, também como está fora, nós passamos a conhecer. eh, mudando de assunto, falando da, da derrota da Lurdes Mutola nos oitocentos metros, deu **impressão** *de que ela desleixou-se no fim*, não é (Moçambique 97: Sentimento e desporto)

(43) Certeza

-> nesse novo, ou nessa nova lei que está-se aí em, em estudo. é o seguinte: claro, neste momento vamos por partes, porque tenho na mente que não estará aí nenhum médico, ou nenhuma médica aqui da ginecologia. porque, tenho a máxima **certeza** *de que ao conceder licença do parto, não concedem licença de parto porque... nós temos o bebé*. (Moçambique 97: Maternidade)

Predicados nominais que designam um episódio

(44) Histórias

-> dizem que foi um, um lugar, uma sen[...], tinha uma senzala, tem realmente uma, uma parte subterrânea em que poderia ser uma senzala de escravos, entende, então parece que houve **histórias** *de que houve fugas de escravos etc., etc.*, durante o período da, do século passado. então que os escravos ali se refugiaram, mas que descobriram e fizeram morticínio. então que os escravos, as almas dos escravos clamam por vingança etc., etc. (Brasil 80: Fazenda)

Predicados nominais que designam um estado de coisas

(45) Condição

isso passa por, pelas pessoas quererem ver os seus filhos passarem de classe, isso passa pelas pessoas quererem que, dar aulas sem ter o mínimo... para que possam dar, isso passa pelos professores que querem deixar de dar aulas numa, numa escola longínqua para virem para escolas mais próxima e... professores que... não têm **condições para poder garantir o seu sustento** e que transportam esses problemas para o sistema, e... uma série de outros de ordem estrutural, como falta de, de, de meios (São Tomé e Príncipe 96: Ser professor)

(46) Vontade

– e eu nunca fui. mas eu tenho uma **vontade muito grande de conhecer Olinda!** ir a Maranhão, a São Luís, isso tudo. mas eu não sei, eu achei Minas uma maravilha. (Brasil 80: Arte urbana)

Em (42) e (43), os predicados nominais “impressão” e “certeza”, que representam conteúdos proposicionais, tomam como complemento as orações em itálico, que designam uma categoria de escala mais baixa, isto é, um estado de coisas. No exemplo (44), a oração em itálico, que designa um estado de coisas, constitui o complemento do predicado nominal “histórias”, um episódio. Já em (45) e (46), os predicados nominais “condições” e “vontade”, que representam estados de coisas, tomam como complemento orações que representam uma categoria de mesmo valor, ou seja, um estado de coisas.

Os resultados demonstram, conforme propõem Hengeveld e Mackenzie (2008), que as propriedades semânticas do predicado nominal influenciam o processo de seleção das formas oracionais que atuam como complemento desses predicados, uma vez que os predicados nominais que expressam categorias semânticas relativas às camadas mais baixas, tais como estado de coisas e propriedade, tendem a selecionar estruturas oracionais na forma não finita, ao passo que aqueles que expressam categorias semânticas ou pragmáticas pertencentes às camadas mais altas tendem a selecionar como complemento estruturas oracionais na forma finita (Souza, 2014).

Aspectos morfossintáticos das orações completivas nominais

Os aspectos morfossintáticos que estão mais diretamente relacionados à composição das orações completivas nominais são: a (não) expressão da preposição, a forma do complemento oracional, a categoria morfossintática do predicado nominal e a posição da oração completiva nominal. A nossa discussão começa com a análise do papel da preposição.

Em argumentos de predicado nominal expressos na forma não finita, o uso da preposição é obrigatório, já que é a única estratégia morfossintática disponível na língua para estabelecer a relação núcleo-dependente entre o predicado nominal e o complemento (Souza, 2014), já que expressa, no nível morfossintático, a função semântica referência.⁶ Apesar de as preposições “em”, “a”, “para” e “sobre” servirem ao processo de subordinação, as variedades lusófonas empregam, com maior frequência, a preposição “de”.

- (47) há alturas em que é preciso esperar, esperar, esperar. mas, eh, é uma *questão de gostar*. (Portugal 97: Boa pontaria)
- (48) o regime de Salazar, é um regime bastante retrógrado no domínio científico e é um regime pouco *interessado em alargar muito os horizontes e o conhecimento das populações*, a não ser na medida em que precisava de formar as pessoas para o trabalho (Angola 97: Ensino em Angola)
- (49) -> mas eu penso que consigo ultrapassar esta situação porque, eh, como professor, muitas vezes nós, eh, somos *obrigado a falar, falar*, e... falamos muito. mas, em certos casos tem-se verificado, muito, essa situação, portanto, timidez. eu sou tímido por natureza (Moçambique 86: Chuva)
- (50) a. é uma lia[...], tratam de linhaça, que é a semente, que até é muito, diz que é muito *bom para deitar em vistas quando, quando está inflamado* (Portugal 96: Linho)

6 Confira o Capítulo 1.

b) isso passa pelos professores que querem deixar de dar aulas numa, numa escola longínqua para virem para escolas mais próxima e... professores que... *não têm condições **para** poder garantir o seu sustento e que transportam esses problemas para o sistema, e...* uma série de outros de ordem estrutural, como falta de, de, de meios (São Tomé e Príncipe 96: Ser professor)

(51) a pessoa cá do centro da Guiné-Bissau estão mais *informado **sobre** o que é que quer dizer a Sida.* (Guiné-Bissau 95: Sida)

Como se pode verificar, nos exemplos (47)-(51), todos os complementos de predicados nominais aparecem na forma não finita e a relação de dependência é exclusivamente marcada pela preposição em negrito.

Quando a preposição não é expressa, o que se tem são construções agramaticais, como se vê nos exemplos (52)-(56), em que a relação de subordinação é afetada gramaticalmente.

(52) * há alturas em que é preciso esperar, esperar, esperar. mas, eh, é uma ***questão** Ø gostar.* (Portugal 97: Boa pontaria)

(53) * eh, por outro lado, o regime que se instala em Portugal a partir do anos trinta, o regime fascista, o regime de Salazar, é um regime bastante retrógrado no domínio científico e é um regime pouco ***interessado** Ø alargar muito os horizontes e o conhecimento das populações,* a não ser na medida em que precisava de formar as pessoas para o trabalho (Angola 97: Ensino em Angola)

(54) * -> mas eu penso que consigo ultrapassar esta situação porque, eh, como professor, muitas vezes nós, eh, somos ***obrigado** Ø falar, falar, e...* falamos muito. mas, em certos casos tem-se verificado, muito, essa situação, portanto, timidez. eu sou tímido por natureza (Moçambique 86: Chuva)

(55) * a é uma lia[...], tratam de linhaça, que é a semente, que até é muito, diz que é muito ***bom** Ø deitar em vistas quando, quando está inflamado* (Portugal 96: Linho)

* b isso passa pelos professores que querem deixar de dar aulas numa, numa escola longínqua para virem para escolas mais próxima e... professores que... *não* têm **condições** *poder garantir o seu sustento e que transportam esses problemas para o sistema, e...* uma série de outros de ordem estrutural, como falta de, de, de meios (São Tomé e Príncipe 96: Ser professor)

- (56) * a pessoa cá do centro da Guiné-Bissau estão mais **informado** \emptyset *o que é que quer dizer a Sida.* (Guiné-Bissau 95: Sida)

Vale ressaltar que, conforme observa Neves (2000), a preposição “para” pode também ocorrer em orações propósito, expressando a finalidade ou o propósito que motiva o evento expresso na oração principal.⁷ No entanto, quando o complemento se liga a um predicado nominal expresso na oração principal, a oração subordinada funciona como completiva nominal, como se observa em (50a)-(50b).

Em casos de construções com pronomes relativos sem antecedentes, como se observa em (56) e (57a)-(57b), o emprego da preposição é obrigatório.

- (57) a O chefe está **satisfeito** *com quem trabalhou hoje.*
 *b O chefe está **satisfeito** \emptyset *quem trabalhou hoje.*

O uso da preposição também é necessário nas construções em que os complementos oracionais são encabeçados por pronomes relativos com antecedentes, como em (58).

- (58) a quer dizer que realmente se pode [...] falar numa explosão escolar no pós-independência, o que representou, é evidente, uma sobrecarga em termos organizativos, em termos de professores, em termos de, de edifícios, tudo isso. também, não estamos agora a falar de, do momento actual, poderia começar a fazer **crítica** *do que não fizemos no pós-independência*, não é, mas isto era para fazer um balanço do período colonial e eu acho que não é brilhante, não. (Angola 97: Ensino em Angola)

7 Confira Capítulo 4 para mais informações sobre essa questão.

- *b quer dizer que realmente se pode [...] falar numa explosão escolar no pós-independência, o que representou, é evidente, uma sobrecarga em termos organizativos, em termos de professores, em termos de, de edifícios, tudo isso. também, não estamos agora a falar de, do momento actual, poderia começar a fazer **crítica** *Ø que não fizemos no pós-independência*, não é, mas isto era para fazer um balanço do período colonial e eu acho que não é brilhante, não. (Angola 97: Ensino em Angola)

A diferença entre os exemplos (56), (57) e (58) é que, nos casos de construções com pronomes relativos sem antecedentes, conforme se observa nos exemplos (56) e (57), as estruturas oracionais em itálico constituem um argumento dos adjetivos “informado” e “satisfeito”, respectivamente, ao passo que, em (58), constituem um modificador do predicado nominal “crítica”, conforme ilustra a paráfrase a seguir.

- (58') também, não estamos agora a falar de, do momento actual, poderia começar a fazer **crítica** *[daquilo/de algo/de alguma coisa] que não fizemos no pós-independência*, não é, mas isto era para fazer um balanço do período colonial e eu acho que não é brilhante, não.

A construção “que não fizemos no pós-independência” constitui uma oração relativa que modifica o núcleo “crítica”. Nesse caso, o argumento do predicado nominal “crítica” não é expresso, e sim apenas o modificador, razão pela qual tais construções funcionam como orações relativas.⁸

No caso de orações finitas, a relação de dependência é expressa pela conjunção “que”, possibilitando, dessa forma, a não expressão da preposição “de”, que marca a função semântica de referência, como se pode verificar nos exemplos (59) e (60).

- (59) -> vamos cada vez para pior. infelizmente, mas, mas vamos, vamos. mas eu estou **convencido** *Ø que... nem sequer no Brasil a vida é como as telenovelas mostram*. (Portugal 95: Juventude ontem e hoje)

⁸ Ver os Capítulos 9 e 10 para mais informações acerca dessa distinção.

- (60) [...] a ver o homem a dizer “estão a arrombar a porta do meu escritório. rezem pela minha alma!” e parar repentinamente a, a transmissão? deu-nos nitidamente a **impressão** Ø *que tínhamos ouvido o tiro!* nunca mais se soube desse homem. (Portugal 73: Jornalismo)

Nesses exemplos, os complementos oracionais do predicado adjetival “convencido” e do predicado nominal “impressão” são introduzidos por meio da conjunção “que”. Em situações como essas, o falante parece entender que o uso da preposição ao lado da conjunção “que” é redundante, fato que explicaria, portanto, a variação existente na expressão da preposição na configuração morfosintática das orações completivas nominais na lusofonia.

Os complementos oracionais inseridos pela conjunção “se”, como visto em (61a)-(61b) a seguir, comportam-se de forma distinta dos complementos inseridos pela conjunção “que”, a qual pode ou não ser precedida de preposição, visto que a conjunção “se” é a única responsável pela relação de subordinação entre o nome e o seu argumento.

- (61) a e, por outro lado, é que as pessoas vêm para a cidade um bocado para procurar isso, e uma melhor qualidade de vida, porque de facto está na cidade, não é, qualidade, se calhar no sentido errado, não é, porque, eh, tenho certas **dúvidas** *se de facto se vive melhor na cidade do que no campo* (Portugal 95: Grandes cidades)
- *b e, por outro lado, é que as pessoas vêm para a cidade um bocado para procurar isso, e uma melhor qualidade de vida, porque de facto está na cidade, não é, qualidade, se calhar no sentido errado, não é, porque, eh, tenho certas **dúvidas** Ø *de facto se vive melhor na cidade do que no campo* (Portugal 95: Grandes cidades)

No exemplo (61), a conjunção “se” é usada para indicar modalidade dubitativa (de dúvida/incerteza). Ocorre, portanto, em predicados que indicam dúvida (tais como “dúvida”, “certeza” etc.), não admitindo substituição pela conjunção “que”.

O infinitivo, em (62), obviamente é a única forma verbal empregada nas orações completivas nominais não finitas. Nos casos de

orações completivas nominais finitas, como em (63), o uso do modo indicativo é o que mais ocorre.

- (62) para mim foi uma coisa que na época, principalmente porque eu estava estudando linguística, eu fiquei abismada, porque... eu entendia as coisas teoricamente e lá eu tive a **oportunidade** *de ver isso na prática*. então, por exemplo, lá a diferença de falares, lá eles falam tu, tu, tu, o tempo inteiro, não é, e para a gente é superesquisito, embora a gente saiba que o português, que o correcto seria falar tu
(Brasil 80: Surpresas da fotografia)
- (63) – e você acha que você cresceu muito mais que ela por ter ido estudar fora, ter ficado mais responsável, talvez alguma coisa assim?
– eu tenho **certeza** *que eu, que eu sou, sou muito diferente dela*, eu não, eu seria pretensiosa se eu estivesse falando que eu sou melhor do que ela
(Brasil 95: Muito iguais e muito diferentes)

Os complementos que representam estado de coisas, como em (62), e propriedade, como em (54), tendem a ocorrer na forma não finita, enquanto os complementos oracionais que representam conteúdo proposicional, em (60) e (63), tendem a ocorrer na forma finita. Em (63), o predicado “certeza” é complementado por uma oração na forma finita que expressa um conteúdo proposicional. O que comprova essa interpretação é o fato de o complemento poder ser negado, independentemente da oração principal. Esses dados revelam que existe uma correlação entre o tipo de categoria pragmática e semântica expresso na completiva nominal e a sua forma de codificação morfosintática, como já foi observado.

Os dados revelam que as orações não finitas, definidas como mais integradas e pertencentes a camadas mais baixas do nível representacional, ocorrem, com grande frequência, em construções com sujeitos idênticos. As orações finitas, por sua vez, menos integradas e pertencentes a camadas mais altas dos níveis representacional e interpessoal, costumam ocorrer em construções com sujeitos diferentes.

Como era de esperar, a oração completiva nominal ocorre em posição final da oração principal, já que é complemento nominal

de um termo/sintagma dela. Essa configuração se deve ao fato de que a oração completiva nominal obedece à ordem canônica [oração principal + oração subordinada], que reflete o princípio de complexidade linguística,⁹ ou seja, elementos mais pesados ocorrem em posição final.

Segundo o padrão de ordenação de constituintes oracionais da GDF, as orações completivas nominais ocupam, em 100% das ocorrências, a margem esquerda da oração, a posição P^F, que é destinada a elementos que apresentam relevância comunicativa, como em (64).

- P^M P^{M+1} P^F
- (64) deu **impressão** *de que ela desleixou-se no fim* (Moçambique 97: Sentimento e desporto)

A codificação morfossintática do participante da oração subordinada ocorre, na maioria das vezes, lexicalmente, como em (65). No entanto, algumas vezes, ele pode não ser expresso, como visto em (66), quando há identidade de sujeitos.

As ocorrências a seguir ilustram esses dois tipos de [sistemas] de codificação.

- (65) não é só isso, em primeiro lugar, temos que ter em conta que uma mãe, desde o primeiro dia da sua gravidez, até o último mês que é o nono mês em que a senhora tem lá o seu bebê, terá sofrido tantos, tantos gastos a nível... físico, a nível... de saúde e não sei quê, eu tenho a máxima **certeza** *de que também os médicos de facto, se dão, claro, estão aí de acordo com o próprio governo que concede essa licença, não sei quantos.* (Moçambique 97: Maternidade)
- (66) a causa dos aborto clandestino, eu acho que... é, deriva dos pais, porque às vezes uma pessoa fica grávida dentro a casa dos pais e tem o **medo** *de ficar com aquela gravidez...* (Brasil 87: Economia e sociedade)

9 Segundo Dik (1981; 1989), o princípio de complexidade crescente prevê uma preferência pela colocação de constituintes de acordo com a ordem de complexidade crescente, como segue: clítico < pronome < sintagma nominal < sintagma aposicional < oração subordinada.

Em (65), o participante da oração completiva nominal é expresso lexicalmente por meio do sintagma nominal “os médicos”, ao passo que em (66) ele não é expresso morfossintaticamente, o que costuma ocorrer nos casos em que os sujeitos são correferentes.

Quanto à categoria morfológica do predicado nominal das completivas nominais, os dados da lusofonia demonstram que as formas mais produtivas são, primeiramente, os substantivos, seguidos pelas formas adjetivas, que respondem pelo restante dos dados. O predicado na forma adverbial não foi encontrado no *cópus* investigado.

Um aspecto que merece ser destacado é que parece haver uma correlação entre a natureza morfológica do predicado e a expressão da preposição, no sentido de que a preposição “de”, por exemplo, se relaciona mais com nomes, enquanto as demais preposições, apesar de também poderem ocorrer com nomes, se relacionam mais com as formas adjetivais.

Quanto ao tempo da oração dependente, observamos que, em complementos oracionais, representados por conteúdo comunicado e conteúdo proposicional, predomina o presente do indicativo. Em geral, essas completivas nominais são expressas na forma finita e encaixadas em predicados de conteúdo comunicado e proposicional. Já em completivas nominais não finitas, que designam estado de coisas e propriedade, a forma recorrente é o infinitivo.

Os dados anteriores mostram que há uma estreita relação entre o tipo de categoria pragmática ou semântica designado pela oração completiva nominal e sua composição morfossintática, de modo que, quanto mais baixa a categoria pragmática/semântica que codifica a oração completiva, maior a probabilidade de que ela seja expressa na forma de uma oração não finita (Souza, 2014), tal como se vê em (62) e (66). Ao contrário, quanto mais alta a categoria pragmática/semântica que codifica a oração completiva, maior a probabilidade de ela ser expressa na forma finita, como em (60) e (63).¹⁰

10 Confira também o Capítulo 2 para outras informações.

Palavras finais

Neste capítulo, analisamos, com base no modelo teórico da GDF (Hengeveld; Mackenzie, 2008), o comportamento funcional das orações tradicionalmente chamadas de completivas nominais (Bechara, 2009; Rocha Lima, 1985) nas variedades lusófonas, a partir da análise dos aspectos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos. Trata-se de um tipo de subordinação no qual um predicado nominal (substantivo e adjetivo) toma como argumento uma oração.

Verificamos que a relação de complementação entre o predicado nominal e o seu argumento tende a respeitar a hierarquia existente entre as categorias pragmáticas e semânticas que codificam o predicado nominal e as categorias pragmáticas e semânticas que codificam as estruturas oracionais que atuam como argumento desses nomes, isto é, os predicados nominais podem tomar como complemento estruturas oracionais que codificam uma camada pragmática ou semântica mais baixa ou de igual valor.

Vimos também que, nas gramáticas tradicionais, os gramáticos tratam mais de aspectos sintáticos relacionados ao processo de subordinação (e das orações completivas nominais) do que propriamente dos aspectos semânticos e pragmáticos atrelados a essas orações. No caso das completivas nominais, poucas são as gramáticas que apresentam uma descrição mais detalhada desse tipo de subordinação.

A análise dos dados mostra que existe uma forte relação entre a natureza semântica do predicado nominal e a forma do seu complemento, de modo que os predicados proposicionais com valor modal epistêmico tendem a apresentar correferencialidade entre os sujeitos das orações principal e subordinada e a selecionar complementos oracionais na forma finita (com complementos inseridos pelo relator “que”). Já os predicados nominais que codificam estado de coisas, como “obrigado”, e propriedade, como “habitado”, tendem a apresentar também correferencialidade entre os sujeitos das orações principal e subordinada, e a selecionar complementos oracionais na forma não finita.

Outro aspecto observado na análise é que, quando a oração completiva nominal ocorre na forma finita, a expressão da preposição, que marca a função semântica de referência, é facultativa, pois o complementizador “que” assume esse papel. Já nos casos em que a oração completiva nominal ocorre na forma não finita, o emprego da preposição (de, em, para, sobre etc.) é obrigatório, uma vez que esse dispositivo morfossintático constitui o único elemento responsável por marcar a relação de subordinação entre o predicado nominal e a oração que atua como complemento.